



Plínio Travassos dos Santos, combativo e operoso professor, não é apenas um estudioso dos problemas cafeeiros, sobretudo sob o aspecto histórico. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Minas Gerais. E também um apaixonado por esse assunto. Só esse fato explicaria a criação por s. s. do Museu do Café "Francisco Schmidt", na Fazenda Monte Alegre, em Ribeirão Preto. Em palestra com Carlos Whately, fazendeiro igualmente interessado pelos problemas culturais do café, s. s. chamamos nossa atenção para uma palestra proferida por Plínio Travassos dos Santos, em Rezende, a propósito da vida e trabalhos do sábio Luiz Pereira Barreto em 10 de maio de 1954. Carlos Whately entregou-nos o original dessa palestra para que aproveitássemos algumas de suas passagens em "Café nos Livros". Lembrou, inicialmente, que Luiz Pereira Barreto nasceu nos 11 de janeiro de 1849 na pequena "cenerável Rezende, cidade banhada pelo lendário Paraíba". Após estudar as primeiras letras em sua terra natal, no Colégio Joaquim Pinto Brasil, fez os preparatórios em São Paulo, no Colégio João Carlos, antes de partir para Montpellier. Na Europa deliberou estudar na Universidade de Bruxelas onde doutorou-se em medicina, cirurgia e purtos. Recusa cargos altamente honrosos para permanecer na Europa.

Plínio Travassos dos Santos informa: "Mas, a pátria e a família o atraíram poderosamente. E regressou. E estabeleceu-se em Rezende, e, em 1869, iniciou o seu civilizado e civilizador bandeirismo na terra paulista. Ficou-se, então, em Jacaré, onde se casou com illustre dama de nobre família da terra. E aí abre consultório, cuja fama dentro em breve atrai clientela de São Paulo, de Minas do Rio de Janeiro, de toda a parte. E principia a preocupar-se seriamente com o problema dos cafezais, visando salvar a lavoura cafeeira do Vale do Paraíba e da Província do Rio de Janeiro. Além da necessidade da adoção dos trabalhos indispensáveis, como adubação e outros, urgia o plantio de nova variedade de café por ele obtida, criada em Rezende, na "Fazenda Monte Alegre", de seus pais — o "café Bourbon".

1876. A lavoura cafeeira do Rio de Janeiro estava em declínio. A velha terra fluminense esfaляva-se de muito produzir sem nada receber em paga. Rezende, o "pomo-de-ouro" da nossa grandeza agrícola de outrora, sentia-se morrer aos poucos, debatendo-se em crise apavorante. São Paulo, principalmente o imprópriamente chamado Oeste — a soberba zona da "terra-roxa-

A "AVISCO" prepara suas rações para aves tendo em vista o seu total aproveitamento pela criação

sangue-de-tatu" — ainda era quase desconhecido. Faltava-lhe viação férrea. Pensissismo era seu acesso. Sômente a gente patricia, de ânimo de aço, aventureira demandá-lo...

Por vagas notícias que tivera, o decano da irmandade dos Barretos — o cel. José Pereira Barreto — homem valeroso pela tempera de lutador, inteligente e sagaz, residente em Rezende, convidou os irmãos para uma visita de exploração aos sertões do Oeste paulista. Combinada a viagem, embarcaram em Rezende, na Estrada de Ferro D. Pedro II hoje Central do Brasil, o cel. José Pereira Barreto, seu filho Fabiano, apelidado "Bizinho", seu sobrinho Antonio de Paula Barreto Ramos e seus irmãos Miguel Pedroso Barreto e Francisco Pereira Barreto.

De Cachoeira, ponto terminal da estrada, sempre pela majestosa Vale do Paraíba, acompanhados de escravos tangendo "cargueiros", dirigem-se a Jacaré, de onde, após descanse de poucos dias, com o dr. Luiz Pereira Barreto, continuaram a jornada. De Jacaré, cortando pequeno trecho do Sul de Minas, subiram a Serra do Selado, desceram em Camanducaia, terras excepcionais para a cultura de frutas, passando pelos soberbos campos de Ribeirão Fundo, pelo povoado de Antas depois por Ouro Fino e, finalmente, ao cabo de muitos dias de penosa viagem, reentraram no território paulista pelo Espírito Santo do Pinhal, de onde, pela velha estrada bandeirante visadora de Goiás, demandaram Casa Branca, aí chegando em fevereiro do mesmo ano e alojando-se no hotel de Zeferino Arantes.

Guiados pelo cel. Hipólito de Carvalho, ex-administrador do Conselho Antonio Prado, na "Lage", durante alguns dias os Barretos visitaram terras de Casa Branca e arredores. A "Fazenda Lage" contava apenas 60.000 pés de café formados, mas teve a virtude de animar e convencer os Barretos de que a "Terra-Roxa", que produziram no ano anterior a enormidade de 15.000 arrobas...

Próxima à "Lage", confinante, por trás de um serrote galgado a cavalo, visitaram a "Fazenda Brejão", de d. Veridiana Prado, com 300.000 cafeeiros, verdejantes e iguais, de três para quatro anos...

Estavam conquistadas por completo as simpatias pela "Terra-Roxa". No hotel, terminadas as excursões palestrata:

— Estamos maravilhados, coronel... São Paulo terá, dentro de poucos anos, o maior empório cafeeiro do mundo. Só lhe faltam fáceis meios de transporte e braços... Felizmente o paulista é inteligente e empreendedor e, em breve, fará com que estradas de ferro e de rodagem rasguem todos os seus sertões. A imigração virá...

— E o Cel. Hipólito informa: — Também penso assim, dr. Barreto... Não há em parte alguma terras melhores do que as nossas. E os senhores ainda não viram nada... Ca-

sa Branca é apenas amostra. Se quiserem comprar terras para café e em boas condições, aconselho-os a caminharem mais algumas léguas por essas sertões, até alcançarem um município recém-criado... E Ribeirão Preto — a "menina dos olhos de Deus"...

E os Barretos, dias depois, chegaram à "Fazenda Cravinhos", então no município de Ribeirão Preto, em cujas terras pouco depois delimitavam-se os fundamentos da florescente cidade do mesmo nome que é hoje. Torráo magnífico. Cerca de 800 alqueires. Matas virgens soberbas. Cheiro forte impregnando o ar, denunciando o "pau d'alto" abundante, padrão seguro de terra boa. E a fazenda aproveitada apenas com pequena criação de porcos. Dr. Barreto, com alguns irmãos, adquiriram-na por Cr\$ 30.000,00, aquele mundo de terras...

Nessa época eram poucas as fazendas de café existentes no município. Destacavam-se: "Santa Tereza", de Tomaz de Aquino Faria, com 50.000 pés; "Cantagalo", do cel. Luiz da Cunha Junqueira, prestigioso chefe do Partido Conservador, com 25.000 pés; "Santa Maria", a atual "S. Martinho", hoje no município de Sertãozinho, com 70.000 pés, então da viúva do cap. Gabriel Junqueira, afamado caçador, o qual, com o seu escravo "Domingão", matou cerca de 80 onças nas margens do Moji-Guaçu; "Antas", hoje "S. Luiz", do ten. Luiz Hercúlio Junqueira, com 25.000 pés...

O temor à geada não animava maiores culturas... Não tenhamos medo — sentenciava o Dr. BARRETO. A salvação do café contra a geada será simples questão de enxada...

E, a seu conselho, foi a Fazenda "Santa Maria", que contava cerca de 12.000 alqueires, adquirida mais tarde por outro seu irmão, o dr. Rodrigo Pereira Barreto, por Cr\$ 160.000,00.

Realizados os negócios, pelo mesmo itinerário regressaram os Barretos. Em novembro do mesmo ano de 1876, com outros irmãos e respectivas famílias — dr. Cândido Pereira Barreto, dr. Rodrigo Pereira Barreto e Augusto Pereira Barreto — com seus machados afiados nas lagens afloradas do Paraíba e acompanhados de escravos, tornaram a Ribeirão Preto de mudança. E iniciaram a derrubada de matas... Foi um ceifar sem piedade. E vieram as queimadas gigantescas, cobrindo toda a terra de cinzas, para que destas, qual nova "Fênix", surgisse a lavoura cafeeira, orgulho de São Paulo e do Brasil...

Ao cabo de poucos anos os Barretos, os Junqueiras e os outros, possuíam as mais formosas lavouras da região, na "hortoria de Bourbon", do excelente café garantidor da primazia cafeeira paulista, variedade obtida pelo dr. Luiz Pereira Barreto na "Fazenda Monte Alegre", nesta abençoada terra de Rezende, de sementes levadas cuidadosamente como pepitas de ouro, pelos Barretos, quando de sua mudança para a "Terra-Roxa"...

A geada de 70 parecia advertência contra a tentativa do aproveitamento das terras de Ribeirão Preto para a lavoura cafeeira em grandes extensões. Em 79, talvez com igual intensidade, mas certamente com maior prejuízo, reproduziu-se o fenômeno. Muita gente desanimou. Os cafeeiros novos desapareceram quase completamente, torrados pela queima do gelo... Mas, Luiz Pereira Barreto e Martinico Prado vibrantes de fé e entusiasmo, inocularam em toda a gente, em memorável campanha de propaganda, a confiança necessária para o prosseguimento sem temor...